

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS E QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS - 01



O ATO DE PÔR FIM À VIDA SOB A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Leonardo Delgado Barroso Leite

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-1124-0055>

E-mail: leodelgado.psi@gmail.com.

Allan Felipe Santos de Freitas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2456-0470>.

E-mail: allanfelipe.psi@gmail.com.

Resumo: O suicídio é compreendido como um fenômeno multifatorial e multidimensional. A partir do modo de pensar de cada época, têm-se diferentes perspectivas e atuações possíveis. A Organização Mundial de Saúde aponta a morte por suicídio entre as principais causas de morte no ranking mundial, afligindo mais de 800 mil pessoas por ano, enquanto sua tentativa é estimada em 20 vezes esse número. A psicologia fenomenológico-existencial compreende a singularidade do fenômeno e se baseia na experiência e no sentido do sujeito. O objetivo deste estudo foi investigar as contribuições da fenomenologia-existencial nos estudos brasileiros sobre suicídio. Utilizou-se como método uma revisão integrativa dos últimos cinco anos. Foram analisadas 27 referências, composta por artigos, dissertações e teses, que originaram a exposição da multidimensionalidade do suicídio, da experiência singular do fenômeno, dos impactos pós-venção e do processo terapêutico do suicídio. Concluiu-se que o suicídio se encontra sob diferentes lentes existenciais, culturais, sociais e psicológicas. As obras selecionadas compreendem o ato de pôr fim à vida a partir da subjetividade e da experiência do sujeito que a vive como uma possibilidade existencial, afastando-se da visão de controle, moral e patológica. Além disso, a investigação do suicídio permite a compreensão dos contextos histórico-sociais dos envolvidos com a temática, exigindo um olhar que valorize o sentido e significado de cada indivíduo.

Palavras-Chave: Suicídio. Psicologia existencial. Fenomenologia.

THE ACT OF ENDING LIFE FROM THE PHENOMENOLOGICAL-EXISTENTIAL PERSPECTIVE

Abstract: Suicide is understood as a multifactorial and multidimensional phenomenon, based on the ways of thinking of each era, different perspectives and possible approaches emerge. The World Health Organization ranks death by suicide as one of the world's leading causes of death, affecting more than 800,000 people per year, and suicide attempts are estimated to be 20 times higher. Phenomenological-existential psychology understands the singularity of the phenomenon and is based on the subject's experience and meaning. The aim of this study was to investigate the contributions of existential-phenomenology in Brazilian studies on suicide. An integrative review of the last five years was used as the method to identify these possible contributions. Exposing the analysis of 27 references, composed of articles, dissertations and theses, which led to the exposure of the multidimensionality of suicide, the singular experience of the phenomenon, the impacts of postvention, and the therapeutic process related of suicide. It was concluded that suicide is viewed through different existential, cultural, social and psychological lenses. The selected works understand the act of ending one's life through the subjectivity and experience of the subject who lives it as an existential possibility, distancing it from perspectives of control, morality and pathology. Furthermore, investigating suicide makes it possible to understand the historical and social contexts of those involved with theme, requiring an approach that values each individual's meaning and significance.

Keywords: Suicide. Existential Psychology. Phenomenology.

Introdução

O ato de pôr fim à vida pode ser um caminho que o ser humano idealiza ou tenta executar em diferentes momentos e atravessamentos possíveis, do sofrimento à perda de sentido existencial. Tal fenômeno é compreendido como uma autoagressão intencional e consciente, tendo como finalidade a sua morte (OMS, 2000; 2012). O processo multifatorial que envolve a tentativa e o suicídio leva a comunidade e os profissionais de saúde a atuarem de diferentes modos e a pensarem, de forma diversa, possíveis intervenções. A partir de perspectivas no campo científico, apresentam-se ideias e estudos do caráter individual e social da decisão pelo suicídio.

A morte por suicídio ocorre em todo mundo e extingue a vida de mais de 800 mil pessoas por ano, estando entre as vinte principais causas de morte (WHO, 2021). Segundo dados coletados pelo Ministério de Saúde – MS (2024), no ano de 2021 foram registrados 15.507 óbitos por suicídio, sendo quase 80% cometidos por indivíduos do sexo masculino. Também foi observado pelo MS (2024) um agravamento da taxa de suicídio em idosos acima de 70 anos do sexo masculino (18,1 óbitos por 100 mil). Em contraponto, nas mulheres o risco mais elevado é na adolescência, entre os 15 e 19 anos (4,5 óbitos por 100 mil).

A tentativa de pôr fim à própria vida ocorre 20 vezes mais ao número de óbito por suicídio, podendo levar o sujeito à reincidência do ato, em sua grande maioria (WHO, 2018). De acordo com Lessa (2020) a tentativa de suicídio é três vezes mais frequente em indivíduos do sexo feminino, por mais que as estatísticas apontem a consumação e a efetividade do ato

para o sexo oposto. Isso ocorre devido à violência empregada na tentativa, sendo a escolha masculina de métodos de maior letalidade, como enforcamento, arma de fogo e quedas. Já o sexo feminino tende a usar objetos cortantes e métodos de intoxicação (Bertolote, 2012).

Esse fenômeno é reconhecido como um problema de saúde pública global desde 2014, a partir da publicação do relatório *Preventing suicide: a global imperative* pela Organização Mundial de Saúde (WHO, 2014), que elenca diversas estratégias de atuação e prevenção. No Brasil, instituiu-se uma Política Nacional de Prevenção em 2019 – Lei n.º. 13.819, de 26 de abril de 2019 – que garante a prevenção da violência autoprovocada, promovendo a saúde mental e a educação permanente de profissionais quanto ao sofrimento psíquico (Brasil, 2019).

Em adição, o Ministério de Saúde instituiu a portaria n.º. 104, de 25 de janeiro de 2011, incluindo o suicídio na lista de doenças e agravos de notificação compulsória, podendo assim traçar planos de ações baseadas nos dados epidemiológicos (Brasil, 2011). A partir das portarias do MS n.º. 1271 (Brasil, 2014) e n.º. 204 (Brasil, 2016), foi inclusa a tentativa de suicídio na lista de agravo, notificação obrigatória e imediata, tendo que ser feita em até 24h para a Secretaria Municipal de Saúde.

Alguns estudos apresentam a morte como uma temática evitada por diversos campos acadêmicos (Ariès, 2003). Sua compreensão é atravessada por processos históricos e influenciada por fatores como religião, política, cultura e concepção de saúde. Frequentemente apresentada de forma velada, cercada de tabus e estigmas sociais, a morte passa a ser abordada priorizando-se, sobretudo, o seu afastamento e a manutenção da vida.

Segundo Feijoo *et al.* (2023), a compreensão do fenômeno do suicídio está articulada com o modo de pensar de cada época. Em nosso momento histórico, devido à era tecnicista de previsão e controle, há o esquecimento do ser e da liberdade. Apresenta-se ainda a tentativa de suicídio com foco nos motivos do indivíduo e não nas causas. Aqui, conceituam causa como relacionada “às determinações incontestáveis que, com certeza e previsibilidade, levaram a determinado acontecimento”, enquanto o motivo “depende sempre do que está acontecendo na situação em que me encontro e na qual ajo de um modo ou de outro” (Feijoo *et al.*, 2023, p. 09).

A psicologia fenomenológico-existencial aparece como uma alternativa para além da psicanálise e psicologia cognitiva-comportamental, expondo a possibilidade de uma lente diferente sobre o homem e seu modo de existir. Em consonância com Feijoo (2018; 2019), essa

abordagem carrega um novo olhar sobre o suicídio e sua tentativa, na medida em que excede a patologia e/ou moralidade, propondo um olhar pautado na singularidade, caráter suscetível da existência humana, responsabilidade e liberdade do indivíduo.

O existencialismo surge como um movimento filosófico, através das ideias de Soren Kierkegaard (1813-1855) e Friedrich Nietzsche (1844-1900), voltado para a existência como algo distinto de tudo que existe no mundo, assim como para os problemas que afligem o homem e sua subjetividade (Morais; Barreto, 2016). A psicologia, ao utilizar a lente do existencialismo, traz uma nova vertente denominada psicologia existencial, marcada pelo psicólogo Rollo May (1909-1994) em distinção às teorias de inspiração científico-natural (Morais; Barreto, 2016). Vale ressaltar alguns estudiosos que foram influenciados por Kierkegaard e contribuíram para essa corrente: Martin Buber (1878-1965), Karl Jaspers (1883-1969), Edmund Husserl (1859-1938), Jean Paul Sartre (1905-1980) e Simone de Beauvoir (1908-1986).

Segundo Moraes e Barreto (2016), a fenomenologia surge em 1900 como uma possibilidade de interpretação do real, em contestação ao método experimental positivista, tendo como base as obras de Edmund Husserl, Martin Heidegger e Merleau-Ponty. A psicologia fenomenológica se funda no método fenomenológico de Husserl, baseado em “voltar às coisas mesmas”, na tentativa de ver por si mesmo o que aparecia na experiência, ou seja, o fenômeno.

Heidegger contribui para a criação da psicologia em perspectiva fenomenológico-existencial ao abordar a questão do sentido do ser em sua obra “Ser e Tempo” (Heidegger, 1927/2015). O pensamento heideggeriano parte da hermenêutica, investigando como cada momento histórico constitui o sentido do fenômeno que se investiga, buscando o sentido mais originário (Silva, 2022b; Feijoo, 2018).

Sendo assim, ao se assumir as inspirações oriundas do pensamento heideggeriano em sua primeira fase produtiva, compreende-se que a Psicologia pode ser construída em uma perspectiva fenomenológica existencial, em que o mais importante não é investigar o psiquismo em suas propriedades, mas, sim, cuidar de ser e permitir que os sentidos se desvelem (Morais; Barreto, 2016, p. 86).

Compreende-se aqui a plural e multifacetada visão do suicídio como fenômeno. Assim como exposto por Feijoo (2019; 2023), se faz necessário uma visão fenomenológica e existencial do tema, para que se possa compreender a dimensão singular e não moralizante presente no sujeito que vê a tentativa de suicídio como alternativa. A base para o entendimento

é a própria experiência do sujeito sem qualquer julgamento para, assim, compreendê-lo e permitir o poder ser (Feijoo, 2019; 2023).

O fenômeno da tentativa de pôr fim à vida, ao ser colocado em evidência, expõe as seguintes questões norteadoras do presente trabalho: Como se compreende o suicídio na perspectiva da psicologia fenomenológico-existencial? Quais são as discussões e contribuições empreendidas acerca do suicídio na visão da psicologia fenomenológico-existencial? Para tal, se vê a possibilidade de uma revisão integrativa como método para compreensão das produções do tema por tal abordagem.

Por fim, o objetivo do presente trabalho é investigar as possíveis contribuições da fenomenologia-existencial nos estudos sobre suicídio no Brasil. Para isso, foram elencados os seguintes objetivos específicos: elucidar as produções acadêmicas do fenômeno do suicídio à luz da psicologia de abordagem fenomenológico-existencial dos últimos cinco anos e verificar os principais tópicos das elaborações e contribuições a respeito do fenômeno.

Metodologia

O referido estudo tem como foco elucidar as pesquisas do suicídio à luz da psicologia fenomenológico-existencial, visto que o tema pode ser compreendido como multifacetado e multifatorial. Para tal, será empregada uma revisão integrativa da literatura dos últimos cinco anos (2019-2024), com a finalidade de identificar e discutir a produção acadêmica existente sobre o tema proposto. A revisão integrativa configura-se como um método de síntese e revisão de conhecimentos existentes, garantindo um rigor metodológico e apresentação crítica da análise dos textos (Souza; Silva; Carvalho, 2010; Mendes; Silveira; Galvão, 2019).

A revisão integrativa é estruturada em etapas que contribuem para a compreensão do método, sendo essas etapas: 1) Definição da pergunta norteadora: nesse momento são elencadas intervenções, estratégias e a identificação do tema; 2) Busca nas bases de dados e formação dos critérios de inclusão e exclusão: são importantes indicadores de confiabilidade e garantem a fidedignidade dos resultados – sendo significativa a inclusão do máximo de estudos encontrados e caso não seja factível trabalhar com a quantidade de dados, as demarcações são expostas nos critérios de inclusão e exclusão; 3) Coleta de dados: avaliação dos estudos pré-selecionados e selecionados; 4) Análise crítica dos dados coletados; 5) Discutir os resultados encontrados: são elaborados a partir da síntese realizada na etapa anterior; 6) Apresentação do

conhecimento produzido: devendo ser clara e completa, permitindo uma leitura crítica dos resultados (Souza; Silva; Carvalho, 2010).

Foram designadas as seguintes fontes para estruturação da revisão: SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), Pepsic (Periódicos eletrônicos em Psicologia), Portal de Periódicos e Banco de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e LILACS (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde). Na busca, foram utilizados os seguintes descritores: “suicídio” e “fenomenologia” ou “suicídio” e “existencial”.

O levantamento do material bibliográfico ocorreu em busca única (setembro/2024) nas quatro bases de dados. Utilizaram-se como parâmetros de inclusão: 1) Artigos, dissertações e teses completas; 2) Disponibilizado em língua portuguesa; e 3) Conter os descritores no título ou resumo da pesquisa. Os parâmetros de exclusão foram: 1) Estudos de revisão integrativa e/ou sistemática; 2) Texto disponível de forma parcial; 3) Textos que não relacionam o suicídio com a Fenomenologia Existencial, 4) Pesquisas não produzidas nos últimos cinco anos (2019–2024); 5) Textos não revisados por pares; e 6) Texto disponível em outro idioma que não o português. As produções foram analisadas inicialmente conforme os seus resumos, títulos e palavras-chaves, sendo excluídas as que se repetiam nas bases de dados para assegurar uma catalogação única.

Resultados

Foram encontradas, nas bases de dados, 158 referências a partir dos descritores e parâmetros de inclusão. Na SciELO constataram-se nove referências; foram excluídos cinco artigos por não terem sido produzidos no período de cinco anos e dois por não relacionarem o suicídio com a fenomenologia existencial, contemplando apenas dois artigos.

No PEPSIC foram encontradas 25 referências, excluídas uma por ser revisão, uma por disponibilidade em outro idioma que não o português e quinze por não serem produzidas no período de cinco anos, restando oito artigos.

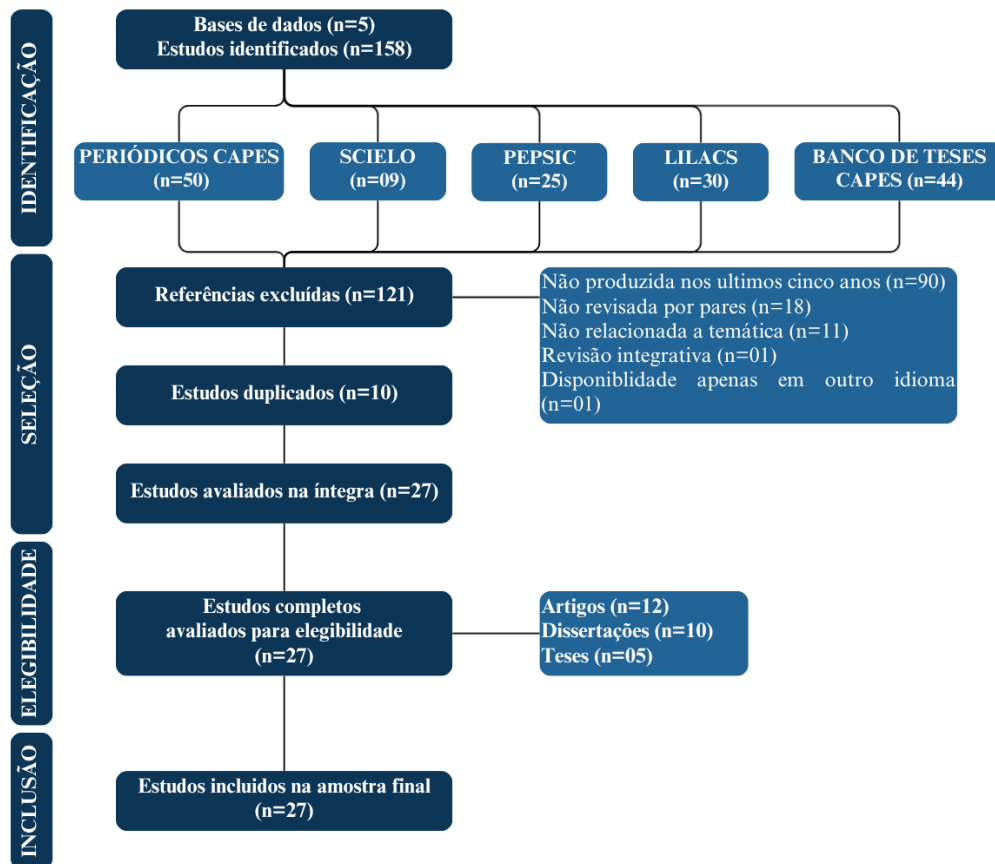
A busca realizada no Portal de Periódicos CAPES resultou em 50 referências, retiradas 23 por não terem sido produzidas no período de cinco anos, 18 por não terem sido revisadas por pares e três por não relacionarem o suicídio com a fenomenologia existencial, restando seis artigos.

No Banco de Teses e Dissertações da CAPES, a pesquisa resultou em 44 referências, excluídas 25 por não serem produzidas no período de cinco anos e quatro por não relacionar o suicídio com a fenomenologia existencial, restando cinco teses e 10 dissertações.

Já no LILACS foram encontradas 30 referências e, após exclusão de vinte e dois textos por não terem sido produzidos no período de cinco anos e dois por não relacionarem o suicídio com a fenomenologia existencial, restaram seis artigos.

Por fim, foram cruzados os artigos de cada base para exclusão de duplicatas, restando, como base, o número final de 27 referências para produção da revisão integrativa (Figura 01).

Figura – 1: Fluxograma do processo de pesquisa



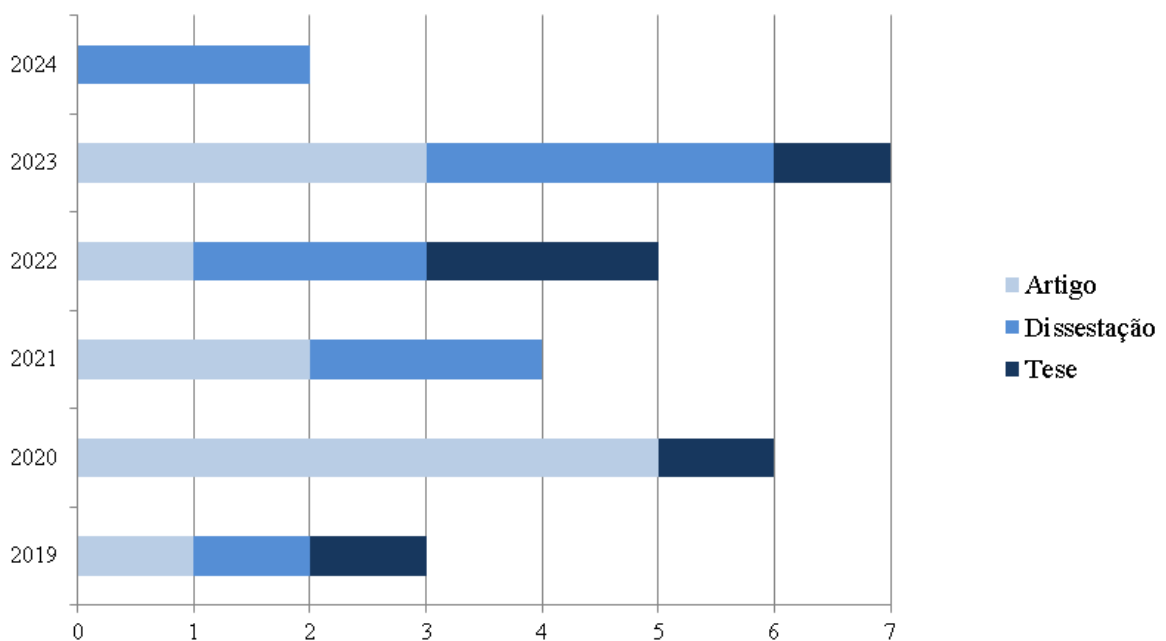
Fonte: Autor (2024). Adaptado de Preferred Reporting Items for Systematic Review and Meta-Analyses (PRISMA), 2020 *apud* Page *et al.*, 2021.

A metodologia empregada resultou na seleção de 12 artigos, 10 dissertações e cinco teses que abordam o suicídio sob a perspectiva da psicologia fenomenológico-existencial. As produções revelam, de maneira aprofundada e multifacetada, o fenômeno complexo do

suicídio, apresentando uma diversidade de reflexões sobre a singularidade da experiência, destacando a consideração das vivências e narrativas subjetivas dos indivíduos envolvidos com o fenômeno.

Na relação do tipo e data de publicação (Figura 02), o ano de 2024 obteve o menor contingente, com duas dissertações. O ano de 2023, o maior contingente, contou com três artigos, três dissertações e uma tese, seguida pelo ano de 2020, com seis publicações, sendo cinco artigos e uma tese. Os demais anos tiveram quantidades variadas: em 2019, um artigo, uma dissertação e uma tese; em 2021, dois artigos e duas dissertações; e em 2022, um artigo, duas dissertações e duas teses. Expondo uma média de aproximadamente 4,5 publicações por ano a respeito da temática observada.

Figura – 2: Quantidade de publicações por ano



Fonte: Autor (2024).

A partir do exposto, foram necessárias a catalogação e a indicação dos textos selecionados, com a análise, principalmente, dos resumos e resultados para elucidar as principais temáticas das pesquisas de cunho fenomenológico-existencial a respeito do suicídio. O resultado foi a origem dos seguintes tópicos de aproximação e discussão do tema: a multiface

do suicídio, a dimensão singular da experiência de pôr fim à vida, os impactos pós-venção e o processo e os impactos terapêuticos relacionados ao fenômeno.

Discussão

A multiface do suicídio

Feijoo (2019), em sua publicação *Suicídio: uma compreensão sob a ótica da psicologia existencial*, apresenta o suicídio a partir de uma postura fenomenológica e perspectiva existencial, sem classificá-lo como doença, patologia, moralizante e/ou normativa. É a partir do sentido singular do vínculo à vida, sem qualquer julgamento, que se apresenta a visão do suicídio, tendo como base a “própria experiência daquele que decide retirar-se da vida” (Feijoo, 2019, p. 166). A psicologia existencial auxilia o sujeito, com uma escuta atenta, a apropriar-se de si mesmo, permitindo o poder ser, sem se aprisionar ao que deve ser (Feijoo, 2019).

Silva (2019) aborda o suicídio a partir da visão Sartriana, que o coloca como uma escolha intencional de extinguir o projeto de ser, minando as possibilidades de vir, ao passo que permite a vivência da liberdade. A partir da entrevista fenomenológica sobre o sentido da tentativa de suicídio, o autor distancia-se em diferença do disposto por Sartre, concluindo que alguns sujeitos, ao buscar o fim das condições adversas que impedem a continuidade da vida, veem o suicídio como uma saída e solução para tal.

As redes sociais podem ter narrativas variadas acerca do fenômeno e percepções voltadas para a criminalização, exposição e patologização do suicídio, assim como exposto por Alves e Santos (2020) em sua obra *Noticiário teclado: o suicídio em pauta na mídia digital*. Ao analisar alguns blogs de sua cidade, os referidos pesquisadores percebem o caráter patológico das narrativas, através da relação do ato a doenças mentais e de julgamento criminal, com falas de julgamento moral e de possível crime, assim como uma exposição excessiva de corpos e métodos de suicídio com certa espetacularização do ato pelas mídias.

Outra fonte de análise e reflexão do fenômeno do suicídio é apresentada pelos pesquisadores Araújo, Pereira e Lucena (2021) a partir da arte, mais especificamente da literatura. Assim como exposto em seu artigo, a literatura expõe diversas vivências e estados psicológicos que podem servir de aprofundamento teórico à psicologia. A aproximação teórica existencial elaborada pela reflexão da obra *A redoma de Vidro*, de Sylvia Plath, ocorre a partir

da visão e reflexão de Schopenhauer e o construto do sentido de vida, sendo colocada à luz de um existir vazio de significado e sentido do sofrimento, podendo levar à aproximação da morte como uma saída autêntica para essa problemática (Araújo; Pereira; Lucena, 2021).

Ainda há aqueles que aproximam e contribuem à discussão do suicídio e sua relação com o trabalho. Segundo Pietrani (2022), algumas vertentes da psicologia organizacional e psiquiatria adotam uma visão técnico-científica ao analisar tal relação a partir de aspectos intrapsíquicos e condições socioeconômicas, visando a prevenção do comportamento suicida. Para Heidegger (*apud* Pietrani, 2022), esse tipo de análise, voltada ao controle, pode não compreender o que está em questão para o sujeito, uma vez que o modelo científico tem a capacidade de “encobrir os sentidos mais próprios que se dão na relação da pessoa com seu projeto profissional, assim como os sentidos envolvidos na sua decisão pela morte voluntária” (Pietrani, 2022, p. 93).

Em sua tese, *Sobre a Experiência Onírica de um Suicida Hermético: testemunhos da busca por uma interpretação fenomenológica para o silêncio no suicídio*, Silva (2022a) aponta uma aproximação pouco conhecida e explorada sob o suicídio: o silêncio.

Esse silêncio aparece na obra de Kierkegaard através do termo hermetismo, presente no título dessa tese. O termo hermetismo nos traz a ideia de fechado, encerrado em si mesmo, tal como cunhado por Vigilius Haufniensis, pseudônimo utilizado por Kierkegaard em *Conceito de Angústia* (Kierkegaard, 2017b). O hermetismo pode ser compreendido como uma manifestação da não-liberdade em meio ao fechamento à comunicação, que culmina no ápice de enxergar a própria morte como única possibilidade, ou seja, como necessidade, frente à existência (Silva, 2022a, p. 21).

A respeito dos fatores de risco, Souza *et al.* (2023), em sua obra *Velhice, sofrimento e violência autoinfligida: reflexões a partir dos preditores do suicídio e da logoterapia de Viktor Frankl*, analisam o sofrimento e a violência autoinfligida na velhice. Segundo os autores, a possibilidade de um vazio existencial e a depressão na velhice podem contribuir para que o sujeito perceba apenas a negatividade desse momento da vida – frustração existencial e desespero –, vendo como possibilidade o suicídio para o fim do sofrimento vivido.

Segundo Feijoo *et al.* (2023), algumas ações de prevenção elaboradas pela suicidologia podem estabelecer uma redução do sujeito como objeto, um esquecimento do ser, atribuindo uma leitura atemporal da temática. Os pesquisadores também destacam a necessidade da percepção do suicídio articulado com o modo de pensar de cada época, em contraste com a

leitura atemporal. Algumas ações de prevenção se resguardam na ilusão de previsibilidade e controle, esquecendo que tirar a própria vida é uma possibilidade da realidade existencial, uma liberdade inerente ao ser humano (Feijoo *et al.*, 2023).

Em consonância, Fialho (2024) expõe o histórico de políticas públicas e campanhas a respeito do suicídio no Brasil, demonstrando o pensamento vigente sobre a construção de prevenções atreladas a estruturas de poder, ideologias e circunstâncias políticas. Algumas estratégias de prevenção visam a informação e a sensibilização da sociedade sobre o fenômeno como um problema de saúde pública, deixando de lado outras propostas, como a promoção de saúde e a educação permanente de profissionais de saúde, o que pode resultar em alguns casos de tecnicismo e moralização (Fialho, 2024).

A psicologia, ao apontar apenas o suicídio como algo a ser prevenido e reduzido ao “comportamento suicida”, deixa de olhar para o indivíduo em sua integralidade, retomando o pensamento funcionalista e comportamental, no qual apenas seus comportamentos devem ser mudados (Fialho, 2024). Isso pode impedir a compreensão das motivações e sentidos próprios, e ocultar “os atravessamentos histórico-sociais presentes nos fenômenos do suicídio” (Fialho, 2024, p. 108). A prevenção é, em muitos contextos, resumida a encontrar fatores de risco, trabalhá-los e resolver o problema (Fialho, 2024).

A dimensão singular da experiência: da decisão à tentativa

Ao analisar a experiência do suicídio através de cartas e bilhetes deixados, Rabelo (2019) expõe em sua tese o fenômeno atrelado à interação do “eu” e seu mundo circundante, resgatando o movimento humano diante do viver e do morrer. A vivência do suicídio pode constituir um movimento articulado de um “Eu”, “Tu” e seu horizonte histórico que não se reduz a uma subjetividade isolada (Rabelo, 2019). A pesquisadora também apresenta uma luta existencial desencadeada em um espaço de interações sociais através da transcrição das palavras deixadas nas cartas, de forma a compreender e acompanhar a experiência em torno do suicídio desses indivíduos.

A compreensão de alguns aspectos da ideação e tentativa de suicídio se mostra na obra dos pesquisadores Azevedo, Silva e Lima (2020), ao entrevistarem estudantes do curso de psicologia. Elucida-se, através de sua pesquisa, que quase 50% dos pesquisados já idealizaram o suicídio e aproximadamente 10% tentaram, apontando o sofrimento inerente à existência

humana, presente também na tentativa e/ou escolha de pôr fim à vida. A possibilidade do suicídio surge de maneira multifacetada e aparece, segundo os autores, através do discurso; à luz da fenomenologia existencial figura como desespero, fuga, angústia e escolha existencial (Azevedo; Silva; Lima, 2020).

Alguns dos sentidos da experiência de desistir de viver são elucidados por Azevedo (2020) ao entrevistar sobreviventes da tentativa de suicídio, residentes no município de Caicó-RN. Percebem-se aspectos culturais da região expressos nas falas e nas interpretações de sentido, sendo tais narrativas permeadas por diversos sentimentos, como medo de julgamento social, falta de sentido existencial, conflitos amorosos, tristeza e culpa, assim como uma “constante luta em permanecer vivo diante de um intenso desejo de não viver” (Azevedo, 2020, p. 9). A autora expõe uma aflição silenciosa dos sobreviventes, contrariando a morte natural como etapa última da vida, uma vez que se apresenta a possibilidade e pensamento de poder morrer.

Em consonância, Ming-Wau *et al.* (2020) elencam, por meio de depoimentos de alguns adultos que tentaram o suicídio, os sentidos da experiência na decisão e tentativa: uma possibilidade de fugir de situações de conflitos, infortúnios, desamparo, angústia, desespero e sofrimento. “Os participantes foram convocados a escolher, como uma expressão da liberdade ontológica, entre suportar os malogros existenciais e decidir dar cabo de suas vidas” (Ming-Wau *et al.*, 2020, p. 1310).

Bertolucci (2021) expõe em uma de suas obras a experiência conjugal de companheiros ou companheiras que tentaram pôr fim à própria vida. Entre as narrativas expostas, a autora percebe um desvelamento do suicídio sob o amparo do pensamento da técnica moderna, que, por vezes, acaba por silenciar os dizeres dos envolvidos com o fenômeno, assim como modos pré-instituídos enquanto cônjuge no ato de cuidado (Bertolucci, 2021).

Em adição, a construção social do fenômeno de pôr fim à vida convoca a todos “ao lugar do cuidado que, por vezes, tutela a vida de alguém e tenta assumir o caráter de cuidado em substituição ao outro” (Bertolucci, 2021, p. 146). Isso ocorre devido a uma deslegitimação e ao silenciamento de normas e orientações que convocam o outro a assumir o lugar de tentativa de previsão e controle dos “impulsos suicidas” para evitar o suicídio (Bertolucci, 2021).

Ainda sobre a experiência da tentativa de pôr fim à vida, Oliveira, Leite e Gaspar (2021) apresentam a percepção de uma adolescente por meio de uma entrevista, apontando a

experiência atrelada a diversas situações de sofrimento e vazio existencial como tristeza e solidão, incidindo na criação de novas elaborações de compreensão e percepção sobre si e sobre o outro. Os autores concluem que a elaboração e o sofrimento “após a tentativa não consumada, podem ser ainda mais dilacerantes que os fatores desencadeantes do ato” (Oliveira; Leite; Gaspar, 2021, p. 29).

Melo (2022), em sua obra *Compreensões fenomenológico-existenciais acerca da experiência suicídio na infância: “E existe?”*, evidencia o tabu e a invisibilização do fenômeno do suicídio sob a experiência infantil através de algumas narrativas. Ao analisar os encontros a partir do diário de afetação, envolvendo as anotações da pesquisadora e produções das crianças, Melo (2022) aponta os discursos de solidão, violência e conflitos, concluindo que “frente à inospitalidade de um mundo com muitas convocações em torno dos modos de ser esperados e a dificuldade em encontrar familiaridade e pertencimento, a existência tornava-se fardo e a morte apresentava-se na trama de significados como um caminho na lida com o sofrimento” (Melo, 2022, p. 11).

A respeito da experiência de alguns grupos de maior vulnerabilidade sob o risco de suicídio, apresentam-se as dissertações *Além do arco-íris: tentativa de suicídio entre a população LGBTQIAPN+, uma compreensão fenomenológico-hermenêutica*, de Silva (2022b), e *Navego pelas águas amazônidas da trans-form-ação: ideias e tentativas de suicídio em homens trans e pessoas transmasculinas*, de Costa (2023).

Silva (2022b) aponta uma maior propensão de ideação e tentativas de suicídio na população LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis/Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais/Agênero, Pansexuais, Não-binários) devido a fatores como preconceito, discriminação e estigma social. A pesquisadora elucida a experiência dessa população a partir de entrevistas sobre a tentativa de suicídio. Demonstrem-se alguns sentidos do querer morrer com base em vivências de sofrimento, medo, incompreensão, opressão, uma existência sem pertencimento e o pôr fim à vida como possibilidade de escapar desse mundo. Entende-se, a partir do horizonte histórico, algumas vivências desse grupo, assim como a resistência constante para permanecer existindo (Silva, 2022b).

Costa (2023), do mesmo modo, expõe as transmasculinidades como uma vivência com maior risco de ideação e tentativa de pôr fim à vida: os entrevistados em sua pesquisa trouxeram seus sofrimentos e dores, bem como suas “experiências de vida de seus corpos-no-mundo” (p.

118). O impacto mundo-sujeito e a constante relação intersubjetiva de ver e ser visto, a partir do movimento do outro, podem invadir e desapropriar esses indivíduos, assim como afetar radicalmente o modo de ser-no-mundo, tomando como possibilidade a eliminação de si mesmo (Costa, 2023).

A respeito da relação de trabalho e o fenômeno do suicídio, a pesquisadora Oliveira (2023) corrobora com Pietrani (2022) ao destacar a experiência de professores universitários com ideações e/ou tentativas de pôr fim à vida. Os entrevistados do estudo, segundo Oliveira (2023), apresentam, em suas narrativas, um cansaço coletivo e sofrimento, que se originam diante da dimensão sociopolítica que guia os projetos de ensino acadêmico. Em um conjunto de imposições institucionais e precárias condições de trabalho, surgem ideações de findar a existência como possibilidade de lidar com o adoecimento, sofrimento e perda de sentido do projeto da docência (Oliveira, 2023).

Impacto pósvenção – e agora?

A experiência de testemunhos de suicídios é compreendida e elucidada por Azevedo, Costa e Oliveira (2020), em sua obra *Testemunhas de um suicídio: um estudo com comerciantes nas imediações da ponte Newton Navarro em Natal*, por meio das narrativas e depoimentos de comerciantes de um local marcado por diversos suicídios. As narrativas expõem uma mudança na relação dos entrevistados com o local referido após testemunharem suicídios. Os pesquisadores apresentam algumas marcas e peculiaridades na percepção e elaboração dos comerciantes, como o som característico do ato mesmo quando não visto, a banalização dos corpos encontrados e a adoção de métodos para lidar ou escapar desse cenário de sofrimento (Azevedo; Costa; Oliveira, 2020).

Já as pesquisadoras Serra e Freitas (2020) expõem, em sua obra, uma experiência de luto materno decorrente de suicídio e apontam esse luto como um dos mais desorganizadores, pois envolve a perda de um filho e a morte por suicídio. Ao analisar e compreender o discurso e narrativa da entrevistada, a pesquisa demonstra o profundo sentimento de impotência diante do desfecho impensável, um desamparo em busca de um auxílio e a experiência de suporte e amparo entre a família e o enfrentamento religioso após o ato consumado (Serra; Freitas, 2020). Nota-se a ideia dos familiares de que algo pudesse ser feito e/ou percebido para evitar que o

sujeito findasse a vida, provocando frustração e ampliando o sofrimento no luto, sendo necessário o aprofundamento do cuidado e saúde mental dos envolvidos.

As vivências e impactos do luto por suicídio também são apresentadas por Carvalho (2023) em sua dissertação *Análise fenomenológica do relato de psicoterapeutas na escuta das vivências do luto por suicídio na clínica* ao trazer os relatos de psicoterapeutas que participaram na escuta dessas experiências. Ao acessarem as vivências dos enlutados, os psicólogos entrevistados buscaram compreender o binômio vida–morte através de outros suportes para além das teorias. Apontam-se os vínculos interpessoais, psicoterapia pessoal e supervisão como potencializadores e suporte ao trabalho (Carvalho, 2023).

Em adição, Santos (2024) investiga as atuais políticas públicas de prevenção ao suicídio e seus impactos nas experiências de luto dos sobreviventes – sendo estes, pessoas impactadas pela morte ou tentativa de pôr fim à vida – em sua obra *Uma análise fenomenológica-hermenêutica dos impactos das políticas públicas de prevenção ao suicídio na experiência de luto dos sobreviventes*.

A autora evidencia como as atuais políticas de prevenção entendem o fenômeno como evitável, passível de controle, antecipação e identificação de fatores de risco, assim como convocam os envolvidos com o sujeito que idealiza e/ou tenta o ato a serem agentes de prevenção e responsáveis por ele. Em entrevista com sobreviventes, seu trabalho aponta experiências marcadas por ideias de inevitabilidade a partir de pensamentos de prevenção e ilusão de controle; assim, diante da morte, eles se sentem falhos e culpados. Em sua pesquisa, conclui, portanto, a necessidade de pensar modos de compreensão e prevenção do luto e suicídio atrelados à experiência, e não sob o controle e tutela daqueles que pensam em pôr fim à vida (Santos, 2024).

O processo e impacto terapêutico sob o fenômeno

Segundo Cabral (2021), a psicoterapia pode ser um espaço de acolhimento e cuidado para os sujeitos que idealizam ou tentam pôr fim à vida; em sua obra ele expõe as possíveis ressonâncias de tal prática psicológica nesses sujeitos. A autora destaca o lugar da psicoterapia no campo existencial dos sentidos, retirando sua ideia de atenuação e controle do sofrimento ao diferenciar o cuidado medicamentoso ofertado através da anestesia de sentidos, da intervenção

sem psicofármacos, trazendo a psicoterapia como um espaço de possibilidades no qual a dor pode ser tematizada.

A ação clínica psicológica não se isenta do cuidado técnico. Cabral (2021) aponta que alguns profissionais acabam operando práticas técnicas a partir de procedimentos e explicações de controle e afastamento do desejo de morte. Entretanto, a psicoterapia deve se apresentar como um modo de cuidado, possibilitando um acolhimento e elaboração das questões entre o viver e o morrer (Cabral, 2021).

Nesse sentido, Fialho (2024) destaca o perigo de nos encontrarmos nesse pensamento tecnicista e calculista, de acreditar ter todas as respostas e esquecer o pensamento de reflexão e meditação que permite, com paciência, a elaboração e o aprofundamento dos sentidos existenciais dos sujeitos envolvidos com o fenômeno de pôr fim à vida.

Em consonância, Portavales Silva e Feijoo (2023) expõem a insuficiência de qualquer teorização do suicídio, pois mesmo os manuais mais precisos são incapazes de abranger a multiplicidade presente na existência. Os autores apontam a necessidade de respeitar o mistério da existência e permitir a possibilidade e liberdade existencial do ato de pôr fim à vida como um acontecimento possível.

Colombo (2022) apresenta a arte como parte do processo e um possível manejo terapêutico de indivíduos que idealizam ou tentam pôr fim à vida para sair de seus sofrimentos. Em sua pesquisa, a autora elucidada, por meio da experiência de um ateliê de desenho, a arte como possibilidade de um espaço de encontro e acolhimento antes do sentimento se tornar insuportável e o sujeito vislumbrar o ato de pôr fim à vida como a única saída.

Alguns pesquisadores, como Pietrani (2022) e Silva (2022b), destacam manejos baseados na psicologia fenomenológico-existencial, permitindo que a relação do homem com o fenômeno se mostre pela abertura que surge, de forma singular, na própria relação, através da escuta, elaboração de sentidos, e a criação de um espaço adequado para que apareça o significado e sentido do pensamento de pôr fim à vida.

Por fim, Queiroz (2023) apresenta a experiência da ideação e tentativa de suicídio a partir do encontro entre indivíduo e psicólogo. Em sua obra, o autor evidencia o impacto do encontro na elaboração e posicionamento do indivíduo diante das experiências vividas, compreendendo que a análise da tentativa de pôr fim à vida não pode ser tomada de forma isolada. A tentativa aparece nas narrativas como ação e possível saída de situações de

sofrimento, sendo necessário elucidar a complexidade dos acontecimentos levando em conta os contextos sociais, culturais e históricos (Queiroz, 2023).

Diante disso, concluímos que a descoberta de um sentido para a vida pode impactar positivamente na maneira como a pessoa vive e elabora suas experiências. Também identificamos a potência do encontro intersubjetivo na medida em que pode ser vivido como ocasião que permita a pessoa em sofrimento realizar movimentos que a aproximem de si mesma e fortaleçam seu elo com a vida podendo afastá-la, assim, do ato suicida (Queiroz, 2023, p. 6).

Conclusão

A tentativa e ideação de pôr fim à vida, ao ser analisada como fenômeno pela lente de diferentes autores sob a perspectiva fenomenológica-existencial, revelam a complexidade e multiface da temática, além de evidenciarem que ela é permeada por diferentes olhares existenciais, culturais, psicológicos e sociais. As abordagens apresentadas por autores como Feijoo (2019), Silva (2019), Alves e Santos (2020), Silva (2022a) e outros mostram que o suicídio vai além de um ato isolado ou de uma patologia, revelando-se como uma possibilidade existencial que emerge a partir das experiências singulares de cada indivíduo.

A partir da psicologia existencial e da fenomenologia, é possível observar que o suicídio se relaciona com questões de sentido e liberdade, permitindo uma compreensão do ato que respeita a subjetividade e a experiência de quem vive intensamente essa possibilidade (Feijoo, 2019; Silva, 2019). Essa abordagem se mostra como um possível espaço de escuta e acolhimento, reconhecendo a singularidade da experiência de cada indivíduo na decisão e/ou tentativa de pôr fim à vida, reforçando a importância de uma lente que respeite as motivações existenciais e os significados atribuídos ao ato.

Além disso, a revisão mostrou que a representação do suicídio em mídias digitais, literatura e a sua relação com o ambiente de trabalho, conforme discutido por Alves e Santos (2020), Araújo, Pereira e Lucena (2021) e Pietrani (2022), exerce um papel crucial na formação do entendimento social do fenômeno. As narrativas midiáticas, muitas vezes patologizantes e sensacionalistas, contrastam com interpretações literárias e existenciais que exploram o suicídio como uma manifestação da falta de sentido, do sofrimento e das condições socioeconômicas. Esse antagonismo ressalta a necessidade de uma abordagem mais empática e ética, que evite a exposição superficial e reducionista.

Os relatos e estudos sobre tentativas de suicídio destacam a importância da experiência vivida na compreensão do fenômeno, enfatizando a necessidade de se considerar as dimensões sociais, culturais e emocionais que as permeiam. Pesquisas como as de Azevedo, Silva e Lima (2020) e Ming-Wau *et al.* (2020) reforçam que o sofrimento e o desespero, permeados por sentimentos como angústia e culpa, emergem de contextos específicos e interações sociais que revelam a tentativa como além de uma simples decisão. Esse sofrimento, muitas vezes silenciado ou invisibilizado, aponta para a necessidade de políticas públicas e estratégias de prevenção que considerem a integralidade e a singularidade do ser, em vez de apenas focarem no controle e na prevenção técnica (Feijoo *et al.*, 2023; Fialho, 2024).

Além disso, o luto e o impacto do suicídio em familiares e testemunhas mostram-se como processos extremamente desafiadores. Como apontam Azevedo, Costa e Oliveira (2020) e Serra e Freitas (2020), o sofrimento daqueles que testemunham ou enfrentam a perda de um ente querido pelo suicídio requer um suporte psicológico que acolha suas dores e promova um espaço de reconstrução dos significados de vida e morte.

Por fim, a terapia e o apoio psicológico, conforme argumentam Cabral (2021) e Queiroz (2023), têm um papel fundamental no acompanhamento de indivíduos que idealizam pôr fim à vida. Ao integrar práticas como a escuta fenomenológica-existencial e a arte, o processo terapêutico pode auxiliar na ressignificação do sofrimento, possibilitando que o indivíduo explore alternativas antes de visualizar a morte como uma saída definitiva. Portanto, a revisão evidencia que o suicídio deve ser abordado de forma integral, respeitando as dimensões subjetivas, sociais e existenciais, promovendo, assim, uma compreensão humanizada e sensível sobre o fenômeno.

A investigação do ato e sentido de pôr fim à vida se mostra multifacetado, exigindo mais contribuições e aprofundamentos a partir da perspectiva fenomenológico-existencial, tanto em contribuições singulares da experiência, quanto em políticas públicas de saúde mental. Foi identificada a ausência de aprofundamento em ações e/ou contribuições a partir das experiências e sentido teórico provindos de povos indígenas/originários, e em entrevistas com experiências de mais indivíduos em grupos etários específicos (infância, adolescência e velhice) em modalidade longitudinal. A contribuição da presente pesquisa se encontra no recorte e pluralidade de pesquisadores e autores da psicologia fenomenológico-existencial nos últimos anos e na identificação das possíveis contribuições da abordagem para o tema.

Assim, a investigação do suicídio pode caminhar em direção à compreensão da subjetividade e do contexto histórico e social que envolve o ato, promovendo um olhar que valorize o indivíduo e sua busca por significado. A construção de um espaço de diálogo, acolhimento e reflexão se apresenta como uma necessidade para a prevenção do suicídio, ressaltando a relevância de ações que integrem uma escuta qualificada, promoção de saúde mental e que permitam uma visão integral, a liberdade e o direito daquele que idealiza e/ou tenta pôr fim à vida.

Referências

- ALVES, D. V. A.; SANTOS, S. E. B. Noticiário teclado: o suicídio em pauta na mídia digital. **Rev. Abordagem Gestalt**, Goiânia, v. 26, n. 3, p. 267–278, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672020000300004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 nov. 2025.
- ARAUJO, A. B.; PEREIRA, J. A. O.; LUCENA, P. L. Uma compreensão fenomenológico-existencial em "A redoma de vidro" de Sylvia Plath. **Rev. Subjetividades**, Fortaleza, v. 21, n. spe, p. 1–12, 2021. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692021000400009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 nov. 2025.
- ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- AZEVEDO, A. K. S.; SILVA, M. V. M.; LIMA, A. P. S. Ideação e tentativa de suicídio em estudantes de psicologia: uma dor que tem morada na universidade. **Holos**, [S. l.], v. 6, p. 1–13, 2020. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/6203>. Acesso em: 20 nov. 2025.
- AZEVEDO, A. K. S.; COSTA, A. M. Q.; OLIVEIRA, O. M. H. F. Testemunhas de um suicídio: um estudo com comerciantes nas imediações da ponte Newton Navarro em Natal. **Rev. Nufen**, Belém, v. 12, n. 3, p. 71–86, set./dez. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912020000300006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 nov. 2025.
- AZEVEDO, I. F. M. de. **A tentativa de suicídio e o Seridó potiguar: um estudo à luz da fenomenologia hermenêutica heideggeriana**. 2020. 242 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.
- BERTOLOTE, J. M. **O suicídio e sua prevenção**. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.
- BERTOLUCCI, A. S. **A experiência de con-viver com um companheiro ou uma companheira que tenta pôr fim à vida: possibilidades compreensivas no campo da conjugalidade**. 2021. 173 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco, Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Mestrado em Psicologia Clínica, 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n.º 104, de 25 de janeiro de 2011. Define as terminologias adotadas em legislação nacional, conforme o disposto no RSI 2005, a relação de doenças, agravos e eventos em saúde pública de notificação compulsória em todo o território nacional e estabelece fluxo, critérios, responsabilidades e atribuições aos profissionais e serviços de saúde. **Diário Oficial da União**, Brasília, p. 37-8, 26 de jan. 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria MS/GM n.º 1.271, de 6 de junho de 2014. Define a lista nacional de notificação compulsória de doenças, agravos e eventos de saúde pública nos serviços de saúde públicos e privados em todo o território nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, jun. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n.º 204, de 17 de fevereiro de 2016. Define a Lista Nacional de Notificação Compulsória de doenças, agravos e eventos de saúde pública nos serviços de saúde públicos e privados em todo o território nacional, nos termos do anexo, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, fev. 2016.

BRASIL. Lei n.º 13.819, de 26 de abril de 2019. Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, a ser implementada pela União, em cooperação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios; e altera a Lei n.º 9.656, de 3 de junho de 1998. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 26 abr. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico**. Panorama dos suicídios e lesões autoprovocadas no Brasil de 2010 a 2021. V. 55, n 4. Ministério da Saúde: Brasília, 2024.

CABRAL, G. F. S. **Suicídio e psicoterapia: uma compreensão fenomenológica hermenêutica da experiência de pacientes que buscam pôr fim à vida**. 2021. 154 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Pernambuco, Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Mestrado em Psicologia Clínica, 2021.

CARVALHO, I. L. L. S. **Análise fenomenológica do relato de psicoterapeutas na escuta das vivências do luto por suicídio na clínica**. 2023. 84 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023.

COLOMBO, E. R. **Ateliê de desenho de livre-expressão no contexto do suicídio: afetividade como evidência do processo terapêutico**. 2022. 178 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

COSTA, L. V. C. **Navego pelas águas amazônidas da trans-form-ação: ideias e tentativas de suicídio em homens trans e pessoas transmasculinas**. 2023. 143 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2023.

FEIJOO, A. M. L. C.; MATTAR, C. M. A fenomenologia como método de investigação nas filosofias da existência e na psicologia. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 30, n. 4, p. 441–447, out. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/YPGVfdBZzVfsgXYKQtHyYcN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2025.

FEIJOO, A. M. L. C.; GOTO, T. A. É possível a fenomenologia de Husserl como método de pesquisa em Psicologia? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, n. 4, p. 1–9, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/sR6RShV9DsWYdFb6pHxkyZJ/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2025

FEIJOO, A. M. L. C. **Suicídio: Entre o morrer e o viver**. Rio de Janeiro: Edições Ifen, 2018.

FEIJOO, A. M. L. C. Suicídio: uma compreensão sob a ótica da psicologia existencial. **Arq. Bras. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 1, p. 158–173, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 nov. 2025.

FEIJOO, A. M. L. C. *et al.* Prevenção do Suicídio: Esquecimento do Ser e Era da Técnica. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, e253652, p. 1–13, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/b38rswZL8Ym8dzYggv7RNht/?lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2025.

FIALHO, N. V. **Análise fenomenológica e hermenêutica das políticas públicas e diretrizes profissionais de prevenção do suicídio**. 2024. 119 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LESSA, M. B. M. F. Suicídio: Dados epidemiológicos. In: FEIJOO, A. M. L. C. de. **Suicídio: estudos & ensaios**. 1. ed. Rio de Janeiro: IFEN, 2020. cap. 2, p. 65–100.

LÔBO, A. P. A.; MEDEIROS, D. S. Cartografia de uma vida que tentou suicídio. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 31, n. 4, e31040562, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/DrSwKV3Fjvfnj9NSqZ7cMcd/?lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2025.

MELO, M. B. de. **Compreensões fenomenológico-existenciais acerca da experiência suicídio na infância: "E existe?"**. 2022. 165 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Uso de gerenciador de referências bibliográficas na seleção dos estudos primários em revisão integrativa. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 28, p. e20170204, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/HZD4WwnbqL8t7YZpdWSjypj/?lang=pt>. Acesso em: 21 nov. 2025.

MING-WAU, C. *et al.* A Decisão de Tentar o Suicídio sob a Lente Fenomenológico-existencial Sartriana. **Estud. Pesqui. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. spe, p. 1310–1330, dez. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812020120000017&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 nov. 2025.

MORAIS, S. R. S.; BARRETO, C. L. T. A Psicologia em uma perspectiva fenomenológica existencial: uma breve contextualização. In: SANTIAGO, A. M. S.; FONSÊCA, A. L. B. **Psicologia e suas interfaces: estudos interdisciplinares** [online]. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 61–89. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/ffd4c/pdf/santiago-9788523220075-03.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2025.

OLIVEIRA, A. J. A.; LEITE, R. V.; GASPARGAR, Y. E. Vivências e elaborações sobre a tentativa de suicídio na adolescência: estudo de caso fenomenológico. **Rev. Psicol. Saúde**, Campo Grande, v. 13, n. 2, p. 19–32, jun. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2021000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 nov. 2025.

OLIVEIRA, A. C. F. **A experiência de professores (as) universitários (as) com ideias e/ou tentativas de pôr fim à vida**. 2023. 256 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Ação de saúde pública para a prevenção de suicídio: uma estrutura**. Genebra: OMS, Departamento de Saúde Mental, 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da saúde em atenção primária**. Genebra: OMS, Departamento de Saúde Mental, 2000.

PIETRANI, E. E. M. Suicídio e trabalho na era da técnica: um olhar sob a perspectiva fenomenológico-hermenêutica. **Rev. Abordagem Gestalt**, Goiânia, v. 28, n. 1, p. 93–103, abr. 2022. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672022000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 nov. 2025.

QUEIROZ, L. S. **Suicídio e Sentido da Vida: Investigação Fenomenológica**. 2023. 112 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciências Humanas) – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2023.

RABELO, E. A. **A morte de si por escrito: análise fenomenológica de cartas e bilhetes deixados por pessoas que se mataram**. 2019. 220 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SANTOS, S. O. dos. **Uma análise fenomenológica-hermenêutica dos impactos das políticas públicas de prevenção ao suicídio na experiência de luto dos sobreviventes**. 2024. 136 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

SERRA, A. P. E.; FREITAS, J. L. Luto materno no suicídio: a impotência e o desamparo frente às (im)possibilidades. **Rev. Nufen**, v. 12, n. 3, dez. 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/346060632>. Acesso em: 20 nov. 2025.

SILVA, C. M. W. F. da. **Os sentidos da tentativa de suicídio à luz da Fenomenologia Existencial de Jean-Paul Sartre**. 2019. 164 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2019.

SILVA, V. P. **Sobre a experiência onírica de um suicida hermético: testemunhos da busca por uma interpretação fenomenológica para o silêncio no suicídio**. 2022. 168 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022a.

SILVA, M. V. M. da. **Além do arco-íris: tentativa de suicídio entre a população LGBTI+, uma compreensão fenomenológico-hermenêutica**. 2022. 180 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022b.

SILVA, V. P.; FEIJOO, A. M. L. C. A lida clínica com o suicídio: de Binswager a daseinsanálise hoje. **Psicologia em Estudo**, v. 28, e53056, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/QhJsSnj87gDXQD6GSjtCxJJ/?lang=pt>. Acesso em: 21 nov. 2025

SOUZA, F. V. S.; SANTOS, A. S.; REIS, B. A. O.; CALDAS, C. M. P. Velhice, sofrimento e violência autoinfligida: reflexões a partir dos preditores do suicídio e da logoteoria de Viktor Frankl. **Revista Subjetividades**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 1–13, 2023.

SOUZA, F. V. S. et al. Velhice, sofrimento e violência autoinfligida: reflexões a partir dos preditores do suicídio e da logoteoria de Viktor Frankl. **Revista Subjetividades**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 1–13, 2023. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/12961>. Acesso em: 21 nov. 2025.

SOUZA, M.T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo [online], v. 8, n. 1, p. 102–106, jan. 2010. Disponível em: <https://journal.einstein.br/pt-br/article/revisao-integrativa-o-que-e-e-como-fazer/>. Acesso em: 21 nov. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Preventing suicide: a global imperative**. Geneva: World Health Organization, 2014.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **National suicide prevention strategies: progress, examples and indicators**. Geneva: World Health Organization, 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Suicide worldwide in 2019: global health estimates**. Geneva: World Health Organization, 2021.

Recebido em: 13/10/2025.

Aceito em: 10/04/2026.